

Entre corpos descobertos e assuntos encobertos: Uma análise, a partir da visão dos estudantes sobre abordagens de sexualidade e gênero em duas Escolas Municipais de Camaquã.

Thaís Oliveira Isquierdo¹; Patrick Machado Kovalski²

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – Campus Camaquã, thaisisquierdo@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa busca compreender como são percebidas e expressas as questões de sexualidade nos anos finais da educação básica. Parte-se de uma discussão de referências legais, questões teóricas e conceituais relacionadas à sexualidade no ambiente escolar, reflete sobre seu lugar entre disciplinas e conteúdos. Por fim se realiza um estudo empírico sobre tais expressões dos estudantes rurais e urbanos. A pesquisa qualitativa utilizou grupos focais como método de produção de dados e a grounded theory como método de análise. Percebeu-se segundo as expressões dos estudantes que não há um espaço formal para o assunto, porém o mesmo “invade” o cotidiano escolar através do “extravasamento” da sexualidade dos adolescentes, que não há como ser contida ou isolada de sua formação pessoal, social e política.

Palavras-chave:

Sexualidade, Educação, Gênero, Grupo Focal, Grounded Theory.

¹ Autora. Licenciada em Artes Visuais - UFPel; Especialista em Práticas de Ensino: Educar pela Pesquisa – IFSul – Campus Camaquã; Professora de Arte no Município de Camaquã.

² Orientador. Mestre em Ciências Sociais - Professor IFSul – Campus Camaquã

Subsídios teóricos e conceituais para se pensar os “silenciamentos” e emergências da sexualidade no ambiente escolar

Essa pesquisa sobre a visão dos estudantes quanto à Sexualidade nos anos finais da educação básica inicia com uma discussão sobre o ensino de sexualidade nos anos finais de acordo com referências legais e questões teóricas e conceituais e passa, na sequência, para uma discussão sobre como surgem e como são expressas essas questões de sexualidade nos anos finais da educação básica para se chegar à expressão dos alunos quanto às questões tratadas ao longo da pesquisa.

A contemporaneidade no âmbito da educação escolar nos exige pensar a sexualidade constantemente, visto que ela pode se fazer presente em todos os períodos da vida humana. A legislação brasileira prevê a abordagem de gênero e sexualidade no ambiente escolar, através dos PCN's, que tem por objetivo incluir a orientação sexual como parte integrante do projeto educativo das escolas. Desde os anos 80, as discussões sobre sexualidade tornaram-se mais presentes devido ao crescimento significativo dos índices de gravidez indesejada e os riscos por infecções de HIV. Embora a proposta dos PCN's não seja trabalhar a sexualidade somente a partir de questões orgânicas e de saúde, esses foram os principais agentes provocativos para o surgimento do tema transversal: Orientação sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997).

Entende-se como urgência a necessidade em abrir espaço aos educandos para discutir sexualidade, a fim de desmitificar algumas questões ainda intocáveis. Sendo assim, faz-se necessário atender a demanda da escola por reflexão e problematização do assunto com crianças e adolescentes.

Conforme Seffner (2014) é comum vermos uma atitude praticada pelas escolas, que deveria ser repensada a cerca de sexualidade. Trata-se da “Terceirização” da abordagem desses assuntos no ambiente escolar. Apesar de ser importante a troca de pensamentos com especialistas no assunto, é necessário que exista nas escolas um professor de referência, com o qual os alunos possam dialogar sobre tais questões e passe assim a segurança de que os professores também dominam o assunto. É preciso também que se mantenha nas escolas uma constante abordagem desses assuntos e não fazê-los em eventos isolados que surgem somente em momentos de emergência.

Diariamente em diversos espaços da escola surgem inesperados assuntos ligados a gênero e sexualidade que algumas vezes são encarados com surpresa pelos educadores e em algumas situações respondidos com “silenciamento” (Seffner, 2011). O silêncio dos professores pode ser

encarado pelos alunos como repressão, porém pode ser falta de segurança para tocar em questões que ainda não possuem um lugar de fato dentro da escola. A falta de espaço para uma situação muito presente como a sexualidade na escola, cria surpresa aos docentes ao surgir inesperadamente.

“Invasão” da sexualidade no ambiente escolar

Chama a atenção o fato da sexualidade se fazer presente em todo o ambiente escolar, e não somente em aulas que tratem de questões biológicas do ser humano, ficando claro que a disciplina de ciências biológicas não é a única a ter de dar conta das questões que dizem respeito à sexualidade e que em geral surgem a partir de colocações dos próprios alunos.

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela (PCN, 1997, 292).

A sexualidade é parte do sujeito aluno, e é inegável que este a carregue e a manifeste de acordo com a sua realidade. Essas manifestações dos adolescentes podem surgir a partir de um short usado pelas meninas na escola, que gera diferentes interpretações, a partir de provocações a algum menino com atitudes vistas como femininas e vice-versa, surgem também com relatos de namoros, ou interesses em alguém, brincadeiras entre alunos e até mesmo por perguntas feitas diretamente ao professor. Essas são expressões que demonstram que a sexualidade está presente e os interesses dos estudantes vão além de questões biológicas e necessitam de espaço na escola que é o seu ambiente de socialização.

Considerando-se que a escola é um ambiente de socialização, e que é na adolescência que essas interações sociais se intensificam, juntamente com a formação de identidade e um período de descobertas e mudanças. É em certo período da adolescência que “desperta-se” para a sexualidade, Seffner (2011). Pode-se então dizer que apesar da sexualidade estar presente em todos os momentos da vida ela é percebida pelos adolescentes a partir do momento onde se demonstra maior interesse pelo assunto.

Essas questões apareceram na escola de maneiras distintas, através de brincadeiras, de bate papos informais que os adolescentes permitem ou querem que os professores ouçam. Como em uma situação em que dois alunos masturbavam-se durante as aulas, sem que os professores percebessem, porém sem esconder dos colegas e principalmente das meninas, que mostraram-se incomodadas e alertaram os professores, para que chamassem a atenção dos meninos. Nesta situação agiu-se de

maneira emergencial conversando diretamente com os alunos expondo que a masturbação é um ato saudável, porém sua prática em lugares públicos não é apropriado. Devido ao fato ter ocorrido nos últimos dias de aula do ano letivo, não foi realizado nenhum trabalho que envolvesse toda a turma, no entanto o passeio de final de ano foi cancelado diante das colocações dos pais das meninas de que não as deixariam participar. Isso ilustra como surgem esses assuntos na escola e reforça a necessidade de discutí-los.

A sexualidade é um conjunto de processos mais culturais e sociais do que naturais, nesse contexto, é indissociável pensar em questões de gênero, pois essas estão ligadas às marcas culturais e às relações da sociedade (Louro, 1999). A manifestação de afetividade pode parecer mais fácil para as meninas, pois a sociedade tende a controlar mais as expressões físicas de amizade e afeto entre homens do que entre mulheres, dessa forma os adolescentes reproduzem em suas relações sociais o que presenciam na sociedade em geral. Apesar da constante transformação da sociedade, ao ocorrer cenas de trocas físicas de afeto entre meninos, surgem piadas e gozações, diferente de quando meninas trocam abraços e sentam no colo umas das outras.

De acordo com Louro (2008) a sociedade contemporânea se transforma e se reconfigura constantemente, assim como a educação.

As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la. (LOURO, 2008, 7)

Tratar a sexualidade como um direito de cidadania pode sustentar essas transformações e amenizar a instabilidade gerada por tais reconfigurações encontradas na sociedade contemporânea.

Objetivo

Compreender como são percebidas e expressas as questões sobre sexualidade nos anos finais da educação básica, a partir da ótica dos estudantes de duas escolas municipais de Camaquã, uma rural e uma urbana.

Metodologia

Para a pesquisa o método de produção de dados utilizado foi grupo focal, que proporcionou diálogos entre os adolescentes pesquisados, que variaram de momentos de timidez à momentos em que buscavam brechas para relatar acontecimentos de suas vidas pessoais. O método possibilitou a

expressão entre suas interações e o reconhecimento de suas expressões, sendo que estas são significativamente importantes na pesquisa que aborda o tema de gênero e sexualidade com os participantes, de forma pragmática através do método em questão, considerando que a opinião dos adolescentes está muito ligada às suas relações sociais e suas ideologias se constroem em geral em grupo.

Com o grupo focal é possível perceber o todo e também as manifestações individuais, bem como a interação entre os participantes, considerando que o andamento das conversas se dá em geral em conjunto, como se o assunto fosse sustentado por uma trama de opiniões. O fato de manifestar suas convicções, em um grupo onde nem todos pensam da mesma forma possibilita através dos debates que os participantes reflitam sobre suas opiniões. (BARBOUR, 2009).

As escolas pesquisadas foram: E.M.E.F 15 de Novembro e E.M.E.F. Ana Tomázia Ribeiro, ambas situadas no município de Camaquã. A escola E.M.E.F 15 de Novembro está situada na Santa Auta, 5º distrito de Camaquã, Possui 130 alunos de 6º à 9º ano. A escola E.M.E.F. Ana Tomázia Ribeiro está situada no bairro Carvalho Bastos de Camaquã, possui 135 alunos de 6º à 9º ano.

Os grupos foram compostos por alunos entre 14 e 16 anos, do 9º ano de duas escolas municipais de Camaquã, sendo dois grupos compostos por meninas, um da zona rural e outro da zona urbana, mais dois grupos compostos por meninos, sendo um grupo de meninos da zona rural e outro da zona urbana e ainda dois grupos mistos.

Posteriormente foi realizada a análise dos dados coletados nos grupos focais a partir das categorias codificadas, no momento da análise dos dados poderá surgir códigos in-vivo, gerados a partir do discurso dos próprios participantes (Barbour, 2009).

A análise se deu através da grounded theory (TAROZZI, 2011), pois a compreensão das expressões dos adolescentes partiu primeiramente dos dados produzidos pelos mesmos durante a realização dos grupos focais. A categorização se deu em dois níveis: Categoria primária, chamada de k1 é uma categorização de conteúdo objetiva utilizando as próprias palavras dos estudantes. E categoria secundária, chamada de k2, que parte de um trabalho de abstração e se subdivide em: k2 categoria secundária bibliográfica, que traz palavras-chave e conceitos extraídos da bibliografia e k2 categoria secundária teórica emergente, que traz compreensões que emergiram durante a interpretação dos dados (tabela 1 e tabela 2). Essa categorização de segundo nível agrupa um número maior de categorias objetivas de primeiro nível que expressam fenômenos comuns e entrelaçam seus significados. (GIBBS, 2009).

A proposta dessa análise é fazer uma descrição densa dos dados e relacionar fenômenos semelhantes de forma a refletir uma interpretação fundamentada nos dados. Não há nas pretensões desse trabalho a intenção de explicar os problemas sobre sexualidade adolescente na escola num sentido causal de busca de explicações específicas, antes, buscar elementos de compreensão dessas questões emergentes.

Análise e conclusões da pesquisa

Os resultados da pesquisa apontam para um encadeamento de conceitos: começa pela problematização sobre o espaço e tempo formal da sexualidade na escola, avança para o silenciamento do tema e seu caráter (i)mediato, passa pelos interstícios da invasão da sexualidade no cotidiano, e conclui com o extravasamento da sexualidade em um ambiente importante de socialização sexual como é a escola, em especial para os estudantes rurais.

A partir da análise é visível que as abordagens do tema sexualidade no espaço formal das escolas se limitam às questões biológicas, inexistindo outras oportunidades formais para se falar sobre sexualidade no ambiente escolar. Conforme os relatos dos participantes de todos os grupos quando afirmam através de palavras categorizadas como primárias: “k1 estudar”, “k1 ver” e “k1 falar” somente das “k2 questões biológicas e relacionadas à saúde” na disciplina de ciências no oitavo ano quando estuda-se o corpo humano, como visto nas seguintes categorias primárias: “k1 a gente aprende partes do corpo humano”, “k1 só falaram das doenças, não falaram mais nada”, “k1 acho que nem os órgãos a gente não sabe direito”.

Ao serem questionados da reação dos professores diante desse surgimento informal do assunto, os adolescentes dizem que alguns fingem não ouvir e ver, enquanto outros apenas pedem para parar. Tais reações são interpretadas pelos alunos como um assunto que deve, porém não pode ser falado na escola, como visto nas categorias secundárias emergentes “k2 papel da escola” e “k2 tabu”, onde participantes de diferentes grupos questionam ser o papel da escola falar sobre o assunto, apesar da dúvida se os professores são ou não autorizados a falar. Sugerindo que o tema seja de competência da família e não da escola. Alguns interpretam tal falta de diálogo como despreocupação ou falta de sensibilidade por parte dos professores, como visto em expressões de categoria primária “k1 tô nem aí não é comigo”, “k2 ai vão sentar”, “k2 sai pra lá”. Tais categorias relacionam-se com as categorias secundárias bibliográficas “k2 repressão” e “k2 silenciamento”,

que conforme as pesquisas bibliográficas servem como alternativas de fuga dos professores para desviar do assunto, quando este ocorre informalmente.

Porém o surgimento desse assunto “acontece” informalmente, através de brincadeiras, piadas e frases de duplo sentido, como identificado nas categorias de primeiro nível: “k1 eu levanto pra ti sentar”, “k1 vai dá?” “k1 senta aqui”, criadas em geral por parte dos meninos, fato que eles reconhecem quando acusados pelas meninas nos grupos mistos de ambas as escolas. Estas categorias primárias relacionam-se às categorias secundárias bibliográfica “k2 invasão” e emergentes “k2 extravasamento”. A categoria emergente “k2 extravasamento” traduz a invasão do assunto sem que o mesmo possa ser contido, pois as manifestações da sexualidade são intrínsecas aos adolescentes.

As questões que se relacionam ao ambiente de socialização, que convergem à “invasão” e à quebra de regras são consequência de um “extravasamento” da sexualidade presente e latente nos adolescentes.

Com a ativação hormonal trazida pela puberdade, a sexualidade assume o primeiro plano na vida e no comportamento dos adolescentes. Toma o caráter de urgência, é o centro de todas as atenções, está em todos os lugares, na escola ou fora dela, nas malícias, nas piadinhas, nos bilhetinhos, nas atitudes e apelidos maldosos, no “ficar”, nas carícias públicas, no namoro, e em tudo o que qualquer matéria estudada possa sugerir. A escola pode ter papel importante, canalizando essa energia que é vida, para produzir conhecimento, respeito a si mesmo, ao outro e à coletividade. (PCN, 1997, 292)

Quando afirmam não haver discussões formais na escola e são questionados de como obtém informações a respeito ou de como encontram respostas para suas dúvidas e curiosidades, demonstram que ocorre sem mediação, que eles buscam na internet, observando as outras pessoas, tudo de forma bastante silenciosa, levando a crer que interessar-se pelo assunto é ainda um tabu, pois causa-lhes vergonha. Para ilustrar tais pensamentos foram criadas as seguintes categorias primárias:” k1 a gente sabe o que é certo e o que é errado”, “k1 não tem ninguém pra auxiliar a gente”, “k1 nós vimos fazendo e ia de trás”, “k1 melhor a internet do que conversar com alguém”, “k1 tudo que a gente que saber a internet fala”, estas categorias se relacionam com as categorias secundárias emergentes “k2 conhecimento informal” e bibliográfica “k2 (i)mediato”. As curiosidades, dúvidas, a necessidade de respostas rápidas e a falta de diálogo, somadas à vergonha, levam os adolescente à uma busca de informações (i)mediata, sem exposição, sem diálogo, sem vergonha, sem mediação, porém com respostas, com sigilo e com agilidade.

Conforme Seffner (2016) a escola tem um papel importante na sociabilidade de crianças e adolescente, pois em geral é na escola que se percebem como sujeitos atuantes de uma sociedade, onde exercem lideranças, pertencem a grupos, participam de festas e atividades extraclases e vivem descobertas variadas, inclusive em relação à sexualidade.

As questões sobre a sexualidade adolescente na escola abrem muitas possibilidades de pesquisa como o aprofundamento das questões de gênero e as diferenças e proximidades entre a educação sexual em escolas urbanas e rurais o que merece atenção e esforços para a compreensão dessa importante dimensão humana. Procurou-se aqui realizar uma investigação que possibilitasse a emersão de questões e conceitos que se somem aos estudos e reflexões sobre a sexualidade adolescente na escola.

Referências

- BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Tradução: Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira (Org.). O corpo educado – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, Ago 2008, vol.19, n.º.2, p.17-23. ISSN 0103-7307
- MEC MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- SEFFNER, Fernando. **Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: Cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 2011.
- SEFFNER, Fernando. **SEXUALIDADE: ISSO É MESMO MATÉRIA ESCOLAR?** Revista Teoria e Prática da Educação. Maringá, 2014.
- SEFFNER, Fernando. **Escola pública e professor como adulto de referência: indispensáveis em qualquer projeto de nação**. Revista Educação Unisinos. São Leopoldo, 2016.
- TAROZZI, Massimiliano. **O que é grounded theory : metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.